

# 02 Uma emoção sem cálculo

É impossível calcular o número de pessoas que acompanharam o cortejo fúnebre do presidente eleito Tancredo Neves, mas certamente a multidão de ontem representou a maior concentração popular numa cerimônia semelhante já vista em São Paulo, com mais de um milhão de pessoas ao longo das ruas e avenidas por onde passou o esquife. Do Instituto do Coração, na avenida Enéas de Carvalho Aguiar, até a ala oficial do aeroporto de Congonhas — mais de dez quilômetros de distância — o povo ocupou calçadas, cobertura de prédios, árvores, topo de edifícios em construção, saiu às janelas acenando lenços e bandeiras, pisoteou jardins, subiu nas estátuas e nos abrigos dos ônibus. Valia tudo para assistir à passagem do cortejo e dar o último adeus a Tancredo Neves.

Uma compacta massa humana, que também se espalhou pelas ruas transversais ao trajeto, do alto — a 150 metros de altitude — assemelhava-se a uma imensa procissão perseguindo o carro do Corpo de Bombeiros que transportava o caixão de Tancredo Neves, coberto com uma bandeira brasileira. A medida que o cortejo avançava em direção ao aeroporto, a população corria acompanhando o caminhão e à procura de locais que proporcionassem uma boa visão. Os motoristas paravam os carros sobre as calçadas e até no meio da rua para também homenagear o presidente eleito.

Ao lado da multidão que se arastava no mesmo ritmo dos carros oficiais, centenas de motoqueiros e ciclistas procuravam cortar caminho, correndo por atalhos entre as avenidas principais para acompanhar a movimentação mais de perto. O caminhão com o caixão do presidente desceu lentamente a avenida Rebouças em direção à avenida Brasil. Atrás, milhares de pessoas corriam desordenadamente, com faixas, fotos e cartazes.

Até a saída do corpo do Instituto do Coração, às 9h30, embora já hou-

vesse muita gente nas calçadas aguardando a passagem do cortejo, esse número ainda não impressionava. Mas, à medida que o caminhão com o esquife encurtava a distância até o aeroporto, centenas de pessoas saíram de casas, prédios ou de seus carros, aumentando a concentração.

Ao longo e nos viadutos sobre as avenidas 23 de Maio e Rubem Berta, o povo se comprimiu disputando um lugar privilegiado para prestar sua derradeira homenagem a Tancredo Neves. Do Instituto do Coração até as proximidades da rua Colômbia, a multidão ainda cumpria o esquema originalmente traçado pela segurança, com os batedores da PM mantendo o caminhão que transportava o caixão isolado dos pedestres. Os soldados encarregados de fazer um cordão de isolamento numa das pistas da avenida Brasil, até então, também ainda conseguiam manter a ordem.

A partir desse ponto, porém, a multidão que seguia o esquife já era tão grande que, do alto, dificilmente conseguia identificar-se o carro de bombeiros. Depois disso, o "formigueiro humano" aproximou-se do caminhão de bombeiros e não mais se afastou até sua chegada ao aeroporto. Misturou-se também aos veículos oficiais e aos da imprensa, atrapalhando a formação original. A partir desse instante, o cortejo passou a andar mais devagar e, mesmo assim, parte dos veículos oficiais não mais conseguiu acompanhar os primeiros veículos.

Próximo ao Ibirapuera — mais ou menos na metade do trajeto — o cortejo já seguia desordenado. O povo passou à frente dos batedores, ocupou a pista, misturando-se também aos motoqueiros e ciclistas, tornando impessoal e quebrando o tom solene do cortejo. O caminhão com o esquife reduziu a marcha e foi obrigado a parar em diversos pontos, tal a dificuldade para locomover-se, causando um atraso na chegada ao aeroporto.

